

---

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO  
DOS  
ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

(Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, fundada em 1863)

Proprietaria e editora a Associação

Commissão redactora : — Ascensão Valdez, A. Lamas, Rocha Dias

---

**A responsabilidade dos escriptos publicados neste boletim pertence exclusivamente aos seus auctores.**

---

## Anotações artisticas e archeologicas (\*)

### A lição dos monumentos

Em duas grandes categorias se podem dividir os monumentos e construcções monumentaes: uns, de character individual e restricto, preito de homenagem á memoria dos vultos notaveis pelas suas acções, talentos e virtudes; outros, de character indefinido, consagrados a celebrar qualquer feito de heroicidade nacional.

Na primeira linha enfileiram-se os de Luiz de Camões com a sua cohorte de poetas e prosadores, Sousa Martins, D. José, D. Pedro IV, Affonso de Albuquerque, duque da Terceira, marquez de Sá da Bandeira, José Estevão, Eça de Queiroz, Eduardo Coelho, todos em Lisboa.

---

(\*) A obra de Sousa Viterbo é vastissima e numa grande parte acha-se dispersa em folhas avulsas da imprensa jornalistica. Reunir em volumes os trabalhos nessas condições que o primoroso polygrapho deixou escriptos sobre varias especialidades, representa o mais expressivo tributo de reconhecimento que se pôde prestar á sua gloriosa memoria. E quem melhor o conseguiria do que a idolatrada filha do benemerente archeologo? Visando a este generoso objectivo, a Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Sophia de Sousa Viterbo seleccionou os artigos cujo assumpto se coaduna com a indole do nosso *Boletim* e offereceu-os a esta Commissão para reproduzi-los em successivos numeros, depois de ter-lhe

Na segunda, entre muitos outros, podem enumerar-se a igreja e convento da Ordem de S. Jeronimo, em Belem, padrão glorioso das nossas empresas maritimas, o mosteiro de Nossa Senhora da Victoria, epopeia em marmore da nossa independencia, e o obelisco da Praça dos Restauradores, commemorativo da revolução de 1640 e da campanha que se lhe seguiu.

Os nossos antepassados tinham um modo muito caracteristico e sympathico de celebrar as suas proezas, synthetizando no mesmo pensamento a religião e a patria. A vaidade dos homens desaparecia para se reconhecer a omnipotencia divina.

Os descendentes dos vencidos de Aljubarrota podem entrar com desassombro o portico da igreja de Nossa Senhora da Victoria, que lá dentro, nas arcadas magestosas do templo ou nas galerias surprehendentes do claustro real, não encontrarão nada que os faça empallidecer de raiva ou ruborizar de vergonha. A ideia de Deus e a ideia da arte acalmam todos os odios e dissipam todos os ressentimentos, fazendo com que os nacionaes e estrangeiros fraternisem no mesmo altar, esquecendo as rixas antigas, sem esquecer o respeito e consideração que uns aos outros se devem.

Já não succede assim com os outros monumentos de expressão mais directa, e que até se pôde tomar como provocante e aggressiva.

No principio do seculo xvii veiu a Lisboa uma companhia de comediantes hespanhoes, que produziu grande enthusiasmo na cõrte, sendo acolhida benevolmente por toda a fidalguia. Um dos seus mais notaveis actores foi um dia a S. Domingos de Bemfica de visita á bellissima quinta dos marquezes de Fronteira, onde se admiram uns quadros de azulejo representando episodios da guerra que elevou ao throno o duque de Bragança. O artista ficou

---

sido amavelmente conferida essa permissão pelo brioso Director do *Diario de Noticias*, o sr. Dr. Alfredo da Cunha, nosso benemerito consocio, que, em 31 de Dezembro de 1911, na sessão de homenagem a Sousa Viterbo, assignalou brilhantemente com o seu elogio, a admiração que lhe votava. Terminada a impressão no *Boletim*, formar-se-ha com a separata um volume, que será, no porvir, outro documento a attestar o valor daquella prestimosa mentalidade, cuja perda sempre havemos de lamentar.

tão indignado, ao presenciar a derrota dos seus compatriotas, que principiou a espadeirar as figuras, gritando tresloucadamente: *Ah! perros de portugueses!* Foi necessario acudir toda a criadagem para socegar e deter o allucinado e irascivel comediante. Em Aljubarrota já não encontraria motivos de excitação a sua ira patriótica.

Em geral, os monumentos publicos teem por fim divinisar para assim dizer a bravura, a intrepidez, as acções militares, a força material do homem. A França, que é um dos paizes que marcham na vanguarda da civilisação, não erigiu ainda um arco triumphal aos seus progressos scientificos e litterarios, ao passo que adornou esplendidamente a avenida dos Campos Elysios com essa mole grandiosa de pedra, em que estão inscriptos os nomes das batalhas e conquistas da republica, do directorio e do primeiro imperio.

O arco de triumpho da Estrella é uma bella pagina historica, instructiva sim, mas enganadora tambem e propria a despertar illusões patrióticas e preconceitos nacionaes. Os francezes, alimentados por este foco de vaidade, esquecem-se de outras lições da historia e chegam a compenetrar-se de que as suas armas são invenciveis. Se elles não encarassem tão superficialmente os acontecimentos, e se tivessem tão presente os seus dias de lucto como os seus dias de regosijo, não teriam gritado com tanta leviandade em 1870: a Berlim! a Berlim!

Para fazer o confronto exacto e proveitoso da sua vida militar e politica os francezes precisam de ir á capital da Inglaterra presenciar os tropheus de Trafalgar e de Waterloo, e á capital da Prussia para contemplar — sabe Deus com que tristeza! — as reminiscencias heroicas das batalhas em redor de Sedan, de Metz e do cêrco de Paris.

Faz isto lembrar o caso do cego que apregoava as victorias de Napoleão, indicando apenas o numero dos mortos, feridos e prisioneiros dos exercitos prussianos. E dos francezes. perguntavam-lhe, quantos ficaram no campo? — A isso respondam os cegos de Berlim.

Os prussianos, depois da derrota de Iena não esconderam a grandeza dos seus desastres, antes trataram de os avivar, revolvendo bem fundo a ferida, e os cantos dos seus poetas, em es-

trophes feitas de aço, como que o tinir de espadas, não respiravam senão o sentimento da vingança e da desforra.

Era assim que pensava Affonso de Albuquerque, tres seculos antes, quando escrevia a D. Manuel:

« Eu não mando pintados a vossa alteza os feitos em que saio vencedor, mas sim aquelles em que fico vencido, para que me ajude a tirar o indispensavel desforço.»

Os monumentos teem pois, como se vê, duas faces, á similhaça de Jano — duas faces e duas significações. Para uns, de gloria; para outros, de opprobrio. Quasi todos elles recordam rivalidades internacionaes e deixam uma profunda impressão de tristeza nos espiritos dominados pelo santo amôr de confraternidade universal. Muito mais tristes porém são aquelles monumentos que avivam as discordias intestinas e são cimentados com o sangue dos filhos da mesma patria. Sobre elles passa tremenda e iracunda a Voz do Propheta, condemnando inexoravelmente a guerra civil e os odios partidarios.

28-1-1905.

### © Conselho dos Monumentos e o inventario artistico

O Conselho dos Monumentos não é uma inutilidade apparatusa, antes tem sido uma instituição proficua, embora não tenha correspondido em absoluto ao que delle se podia e devia esperar.

O Conselho dos Monumentos é uma corporação numerosa, onde a quantidade não prevalece exclusivamente, sendo certo que com ella compete a qualidade. Com effeito, os individuos, que formam este gremio teem todos, senão todos, uma cotação merecida na sciencia, na arte e na litteratura.

Este conjuncto de variadas aptidões poderia traduzir-se n'uma resultante harmoniosa, de indiscutivel vantagem, se houvesse um pouquinho mais de iniciativa e se, porventura, dispuzesse de mais recursos.

Pertence ao Conselho não só vigiar pelo bom estado de conservação dos monumentos, mas tambem promover e dirigir cri-

teriosamente a sua reconstrucção. Não é sómente a sentinella que vigia a fortaleza e dá o signal de alarme, quando se approxima o inimigo; é tambem o espirito superior, que traça os planos de defeza e ataque e que indica as obras necessarias a construir para melhor commodo e segurança da guarnição.

Ao Conselho incumbe muito particularmente formular o cadastro dos monumentos e redigir o inventario dos objectos artisticos, de qualquer natureza, que se encontram disseminados pelo paiz. Este ultimo trabalho está já regulamentado, mas ainda não se lhe deu começo, certamente pelo motivo de não haver disponiveis os mais restrictos meios pecuniarios.

O Conselho tem ás suas ordens um architecto e um ou mais desenhadores, mas isto não basta, porque é essencial o auxilio de um photographo. Além d'isso, não sendo o Conselho remunerado, não pôdem os seus membros gastar o tempo em missões gratuitas e dispendiosas. As viagens não se fazem de graça, ainda que o governo faculte passagens nos seus caminhos de ferro.

Appellando, porém, para a dedicação e illustrado patriotismo dos membros do Conselho, quer nos parecer que alguma coisa de util se poderia realisar desde já, servindo de base e de ponto de partida a trabalhos de maior alcance. Sem sahir de Lisboa, não faltaria aqui em que empregar o zelo e curiosidade dos investigadores archeologicos e artisticos. A nossa capital dividir-se-hia em seis zonas, a cargo de outras tantas commissões, composta cada uma de tres membros, que as percorressem e examinassem detidamente, apresentando depois o relatorio das suas pesquisas, em que viessem descriptos os objectos que julgassem mais dignos de ficar sob a tutela e vigilancia do poder central.

Sem pretender de modo nenhum ensinar o *padre nosso ao vigario*, pedimos venia para apresentar um alvitre e um exemplo. Entre os numerosos edificios religiosos que fôram profanados depois de extinctas as ordens monasticas, ha muitos que ainda conservam vestigios artisticos e curiosidades historicas, que seria de toda a conveniencia resguardar e evidenciar. Neste caso está o ex-convento de S. Francisco de Xabregas, onde se acha actualmente estabelecida a fabrica de tabacos. Este edificio começou a levantar-se nos fins de 1455 e cinco annos depois já estava concluido. Pela rapidez da construcção se vê que a obra não devia

ser de grande vulto, mas pelo andar dos tempos foi-se ampliando e aformoseando com novas capellas e officinas. O fatal terremoto de 1755 destruiu-o quasi por completo, sendo depois restaurado, de modo a ficar approximadamente como hoje se acha.

O terreno onde se erigiu o mosteiro, havia sido assento de uns paços reaes, de que só existiam ruinas, e D. Affonso V fez delle generosa doação a D. Guiomar de Castro, primeira condessa de Athouguia, que foi uma das senhoras mais opulentas do seu tempo, uma capitalista em fórma, que emprestava valiosas sommas, já se vê sob hypotheca e penhores, tanto ao rei, como a principes e outras personagens. Foi ella, portanto, a fundadora, guardando para si a capella-mór, onde fez um carneiro para jazigo da sua familia.

Para junto della fôram trasladados os ossos de uma sua filha que foi a mãe de um dos mais illustres varões que Portugal tem produzido, o insigne Affonso de Albuquerque. Bastava esta circumstancia para o tornar memoravel e respeitado, como monumento nacional, e nelle se devia cravar uma lapide com esta inscripção: «*Aqui jazeram (ou jazem) os ossos da avó e da mãe do fundador do imperio Portuguez no Oriente.*»

Urge, por conseguinte, visitar este edificio, exploral-o convenientemente, verificar se ainda existe o carneiro e se nelle se conservam alguns restos mortaes da familia Athouguia, que devem ser recolhidos com summa piedade e respeito. A Companhia dos Tabacos não se opporá por certo, antes facultará gostosamente este exame.

Citamos um factó e outros muitos identicos se lhe poderiam accrescentar. Não é unico: é apenas o elo de uma extensa cadeia. Procedendo-se pela fórma que acabamos de indicar, estamos convencidos de que o exemplo dado em Lisboa não tardaria a ser seguido pelas commissões filiaes que o Conselho tem nas provincias, e assim se teria dado com afouteza o primeiro passo para a organização definitiva do cadastro dos monumentos e do inventario dos objectos artisticos.

## A conservação e restauração dos monumentos

O zelo excessivo, em grande numero de casos, é mais pernicioso que a propria incuria. A fabula do urso, que esmigalha a cabeça do jardineiro para lhe sacudir a mosca, é mais real e vulgar do que se pensa.

A moralidade desta fabula, ou antes historia, recommenda-se muito bem ao que está succedendo com os monumentos nacionaes.

Por muito tempo estiveram elles entregues ao mais contristador abandono ou confiados á guarda de quem não tinha a menor competencia para os salvaguardar, já de reparos vandalicos, já da imminente ruina.

Este estado de cousas modificou-se sensivelmente, em virtude de uma corrente de opinião, que considera os monumentos nacionaes como reliquias historicas, como um thesouro artistico, como um patrimonio legado pelos nossos antepassados e que o patriotismo mais acrisolado tem obrigação de sustentar e defender.

Esta nova orientação é digna de todo o applauso, mas é necessario que se não caia precipitadamente de um extremo em outro extremo, procurando evitar o mal com a applicação de uma therapeutica menos adequada e opportuna.

De conservar um monumento a reconstruil-o vae uma enorme distancia e nós entendemos, por mais de um motivo, que entre a conservação e o restauro radical se deve dar preferencia á primeira.

As restaurações são quasi sempre muito dispendiosas e as circumstancias do nosso thesouro não permitem que nos aventuremos a tão temerarias emprezas, quando nos faltam os meios indispensaveis para construir edificios de reconhecida utilidade.

As obras do Lyceu estão paradas; o palacio de justiça não foi por deante; o do correio de ha muito jaz em projecto e a camara dos deputados está destinada a ser um novo arco da rua Augusta. Aqui estão, para não citar mais nada, muitos trabalhos importantes, em que os nossos architectos poderiam desenvolver a sua actividade e revelar o seu gosto e concepção artistica.

Isto, porém, não é tudo e pôde considerar-se apenas a parte material, para assim dizer, da questão mais grave do problema; o que deve constituir a preocupação essencial, é o lado technico, e por maior que seja a intuição dos architectos, por mais profundo que seja o seu estudo do passado, ha uma cousa que elles não podem evocar em toda a sua plenitude — é o sentimento dominante da época.

E' certo que a reconstrucção da cathedral de Colonia se levou a cabo com o mais fino criterio e com o mais consciencioso escrupulo, mas raras vezes se pôde satisfazer ás exigencias da critica e quasi sempre a duvida se levanta aos olhos do investigador a perguntar se aquelle seria com effeito o pensamento genuino do traço inicial.

A igreja do extincto convento dos franciscanos no Porto é um dos specimens mais curiosos da architectura ogival no seu primeiro periodo; mas quem penetra no seu interior, longe de encontrar a mysteriosa singeleza das arcarias gothicás, fica estupefacto com o revestimento deslumbrante da talha dourada que forra as columnas, as paredes e os altares. O seculo xvii commetteu aquelle anachronismo; mas quem ousaria hoje, no intuito de uma restituição archeologica, arrancar a exuberante ornamentação escultural, para fazer voltar o templo á sua fórma archaica?

As obras que se executaram ultimamente na Sé Velha de Coimbra teem grangeado os gabos dos competentes e queremos acreditar que esses louvores, por mais de um respeito, são justos e merecidos. Deve-se comtudo observar que a restauração não poudes nem devia ser levada ao extremo, fazendo regressar o templo á sua caracteristica feição primitiva.

Conservou-se a admiravel porta lateral, do mais puro Renascimento, em contraste absoluto com a porta romanica da fachada. O retabulo do altar-mór, uma das mais preciosas jóias da esculptura em madeira, permaneceu, assim como a capella do apostolado e outros enxertos ainda, que se recommendam pela sua natural belleza, apesar de não serem do seculo xii.

Na cathedral de Lisboa tem-se procedido, com grande zelo e criterio, sob a inspiração e vigilancia do Conselho Superior dos Monumentos, á remodelação da capella de Bartholomeu Johannes.

A imprensa divulgou a noticia, mas não podemos dar-lhe credito, de que se pretende transformar aquelle primor architectonico em baptisterio. O Conselho não auctorisaria jámais semelhante innovação tão absurdamente contraria á indole historica e destino do pequeno mas importante monumento, que é para assim dizer, o pantheon do seu fundador.

Outra noticia tambem se propalou e que, á similhaça da antecedente, não podemos deixar de apreciar do mesmo modo e de collocar na mesma categoria.

Diz-se que o Conselho, para adorno das suas salas, impetra do museu de Bellas Artes os objectos que este estabelecimento possui e que não expõe por menos salientes.

De duas uma: ou os objectos são de valor artistico ou não. No primeiro caso, devem conservar se no museu; no segundo caso, devem vender-se como sucata, pois não se comprehende que o Conselho Superior seja uma succursal da «Feira da ladra», um estendal de ferro-velho.

O Conselho Superior dos Monumentos é composto de pessoas de alta capacidade e de fino gosto e seria fazer-lhe a maior injustiça attribuir-lhe semelhantes idéias e propositos. Houve decerto um «qui-pro-quo», que convem não deixar tomar vulto, para que não reverta em descredito de uma corporação, que tem prestado e continuará a prestar incontestaveis serviços á arte e á historia nacional.

3-6-1904.

## **Architectos e monumentos**

Depois que Alexandre Herculano, ha bom meio seculo, lavrou o seu energico protesto contra o abandono dos monumentos nacionaes, muitos outros eloquentes brados se teem erguido em favor da mesma causa, mas parece que é prégação no deserto, pois todos os dias se estão ouvindo queixas contra os vandalismos praticados na maior parte dos edificios e objectos historicos e monumentaes.

A causa essencial de taes queixas, o motivo de tanta desordem e de tanto desdem por tudo o que representa um passado

glorioso, deve attribuir-se á sua organisação, ou antes á absoluta falta de um serviço especial de incontestavel competencia.

O Conselho Superior dos Monumentos é uma entidade collectiva, a quem não se póde regatear uma tal ou qual influencia benefica, mas póde dizer-se que é mais uma instituição platónica, de que uma instituição pratica, mais um palliativo, de que um remedio effcaz. Os recursos pecuniarios, de que dispõe, são limitadissimos; no entanto parece-nos que poderia ter impulsionado mais os seus trabalhos, iniciando e activando o cadastro ou inventario de todos os objectos de character artistico monumental, que existem disseminados pelo paiz. Sem este registo official, não se poderá proceder á adopção e execução de providencias energicas e sensatas, que, por um lado, se opponham á perda e ruina desses objectos, e por outro lado concorram para a sua melhor conservação.

Esse inventario não ha-de limitar-se a uma simples lista descriptiva dos objectos, mas a fazel-os reproduzir pelos mais facéis e modernos processos graphicos. A photographia deve ser um dos mais poderosos elementos desta campanha e para conseguir-se mais propiciamente tal «desideratum», o Conselho poderia estabelecer subsidios ou distribuir premios aos photographos, tanto profissionaes como curiosos, que apresentassem maior e mais escolhida somma de reproducções. Isto contribuiria tambem para deramar o gosto pela photographia, pois ha ainda muitas terras importantes do paiz, como Aveiro, onde não existe um estabelecimento photographico.

No ultimo Conselho dos Monumentos, o illustre architecto sr. Ventura Terra, discreteando sobre muitos factos, que tivera ensejo de presencear, apresentou uma proposta, que ficou para ser discutida, a qual nos parece muito razoavel e muito conducente a evitar os desatinos e desleixos, que ameaçam destruir o nosso patrimonio artistico. Por essa proposta se póde verificar quanto é exiguo o pessoal propriamente technico e habilitado para dirigir construcções monumentaes. O corpo dos nossos architectos compõe-se apenas de sete membros, ao passo que são innumerous os engenheiros de toda a especie. O antagonismo entre estas duas classes é evidente e mal custa a comprehender como uma queira exercer superioridade quasi exclusiva sobre a outra. Ao predomi-

nio da engenharia se pretendem attribuir em grande parte os erros e faltas de gosto, que se notam nas obras modernas, mas essas opiniões, em muitos casos verdadeiras, talvez sejam apaixonadas ou com exagero nos seus fundamentos.

Outr'ora os architectos tinham uma educação mais complexa e desempenhavam conjuntamente o papel de engenheiros. Eram elles que, a par das igrejas e dos palacios, construíam as pontes, as cisternas, os aqueductos, as fortalezas. Miguel Angelo foi um dos typos mais característicos desta ordem de artistas. Estatuario, pintor, architecto, não se contentou com estas solemnes manifestações do bello e ainda revelou o seu genio na poesia. Não precisamos, porém, de ir buscar lá fóra os exemplos, quando os temos de casa. João de Castilho, Boytac, Danzinho, os Arrudas, fôram frequentes vezes dirigir as construcções das praças d'Africa. João de Ruão, além de esculptor, era architecto.

Na actualidade as cousas mudaram muito de figura, as sciencias e as artes desenvolveram-se e complicaram-se e nem o engenheiro, nem o architecto, por mais complexa que seja a sua educação, pôdem chegar para tudo. O constructor de um caminho de ferro, ainda que seja dotado de faculdades estheticas, não as pôde apurar tanto, que trace com igual maestria, um edificio grandioso como a Opera de Paris. Os especialistas accentuam-se cada vez mais em todos os ramos da actividade humana, e por isso não admira que os architectos aspirem ao logar da sua competencia.

Não diremos que os architectos sejam impeccaveis, pois nem todos possuem o mesmo talento e a mesma aptidão, e alguns haverá aos quaes se possam exigir não pequenas responsabilidades. Mas se os architectos commetem faltas no seu officio, mais sujeitos a ellas estarão os que não professam especialmente a arte.

Ainda ha pouco tempo se praticou em Lisboa, num edificio publico, um verdadeiro attentado architectonico, que não se teria levado a effeito, se houvesse uma superintendencia technica. Dessa monstruosidade pôde a engenharia, felizmente, lavar as mãos, e o que é triste é que estas cousas se produzam, sem se saber como, com a espontaneidade dos tortulhos.

Segundo a proposta do sr. Ventura Terra, o paiz seria dividido em tantas zonas, quantos são os architectos actualmente a

serviço do ministerio das obras publicas. Não passam elles de sete e este numero parece-nos insufficientissimo para tão operosa tarefa. Quando se tivesse de proceder a obras em qualquer dessas circumscrições, seria enviado o respectivo architecto para estudar o assumpto e traçar o plano. A despesa a fazer com estas commissões seria de pequeno alcance, limitando-se a ajudas de custo. O sr. Ventura Terra está convencido que os seus collegas, por amor á arte, se desempenhariam gostosamente deste encargo, ainda que lhes trouxesse algum sacrificio.

O Conselho dos Monumentos não deixará de estudar com todo o esmero e proficiencia a proposta do sr. Ventura Terra, tornando-a perfeitamente viavel e adequada ás circumstancias. Pela nossa parte quer-nos parecer que ella deveria ser adoptada e posta quanto antes em pratica, ainda que não fôsse senão a titulo de experiencia.

21-3-1905.

(Continua)

SOUSA VITERBO.

## EPIGRAPHIA

Este importante ramo da Archeologia constitue, com a paleographia e a diplomatica, a materia distribuida pelos Estatutos a uma das secções da nossa Associação. Nada, pois, mais natural que um associado escrever algumas linhas sobre tão momentoso assumpto no intuito exclusivo de o fazer lembrado aos que, mais ou menos, o conhecem, e ministrar ligeiros esclarecimentos aõs que, por ventura, o desconheçam.

### **Indocti discant; ament meminisse periti** <sup>(1)</sup>

Mas, por agora, seremos muito breves. Limitamo-nos a apresentar uma lista, aliás exigua, das obras, que sobre epigraphia podem ser consultadas com proveito em algumas das bibliothecas de Lisboa.

Encabeçaremos na lista o

### **Cours d'épigraphie latine**

por Cagnat.

E' um dos trabalhos de maior folego, que conhecemos sobre a especialidade.

O sabio professor d'epigraphia e antiguidades romanas no Collegio de França produziu um livro d'alto valor, segundo os mais abalisados criticos.

A «sciencia das inscripções», como synthetica e criteriosamente se denomina a epigraphia, é por elle versada superiormente no decurso da sua interessante obra. Nós manuseamos na Bibliotheca Publica a segunda edição de Paris, em 1890.

E' dividido em tres partes, na primeira das quaes se trata

---

(1) E', como se sabe, um apophthegma do illustre historiador francez Henault.

dos alphabetos usados nas inscripções romanas; na segunda, dos elementos communs ás diversas classes d'inscripções; e, finalmente, na terceira, das diversas classes d'inscripções e fórma propria de cada uma d'ellas.

Apesar de dilatada, lê-se, com avidéz sempre crescente, a explanação destas materias, explanação em que se nos deparam os mais proficuos ensinamentos sobre paleographia inscripcional, sobre regras para a construcção e interpretação das abreviações, sobre estylo epigraphico, sobre a importancia subsidiaria da epigraphia para a philologia, etc., etc.

O *Cours d'épigraphie latine* insere no principio (pag. xix a xxvi) uma Bibliographia, em que se registam as principaes collecções impressas de inscripções latinas, tratados e compendios de historia da epigraphia e ainda os mais importantes jornaes, que se teem occupado das referidas inscripções.

Convém aqui observar que entre as collecções occupa logar de destaque o celebre *Corpus inscriptionum latinarum, etc.*; começado a editar em 1863 por Theodor Mommsen, existindo na Bibliotheca 15 volumes, dos quaes o primeiro trata das *Inscriptiones latinae antiquissimae ad C. Cesaris mortem*; e o ultimo, das *Inscriptiones Urbis Romae latinae* (1); e que entre os auctores das obras didaticas são citados Le Bas, Desjardins, Orelli, Gorius, Hübner, Morcelli, etc.

O *Cours* termina por um muito curioso e extenso (2) indice alphabetico de siglas e abreviações em inscripções latinas.

E' livro digno de leitura.

Faremos agora menção do

### Larousse

São pequenos os artigos que esta notavel encyclopedia dedica aos termos «épigraphe» e «épigraphie»; em compensação é longo o que respeita ao termo «épigramme», de cuja leitura se colhe muito proveito, visto que, como é sabido, epigramma e epigraphé

(1) Não designamos a materia dos outros volumes, visto não quereremos ser prolixos.

(2) Desde pag. 360 a 427.

foram, em tempos remotos, equivalentes. E, a este proposito, permittam-nos a transcripção do seguinte trecho da mesma encyclopedia: *épigramme* — «Ce mot, qui a aujourd'hui le sens de trait piquant, satirique, signifiait proprement inscription, et est venu du grec *epigramme*, dérivé du verbe *epigraphô*, inscrire, de *epi*, sur, et *graphein*, écrire.»

Segue-se

### La Grande Encyclopédie

par une Société de savants et de Gens de lettres.

No tomo xvi, desde pag. 65 a 78, trata de epigraphia. E' um extenso artigo, acompanhado de boas gravuras com inscripções azteques, egypcias, babilonicas, carthaginezas, etruscas, hebraicas, ogamicas, rumicas, moabitas, gregas, chypriotas, gothicas, arabes, etc.

Muito interessante.

Na Bibliotheca Publica existem tambem e são dignas de consulta as seguintes obras:

*Noticias Archeologicas de Portugal*, por Hübner, traduzidas por ordem da Academia das Sciencias. Edição de 1871 — *Corpus Inscriptionum Hispaniae Latinarum*, pelo mesmo auctor. Edição de 1892 em Berlim — *Opera Epigraphica*, por Morcelli (Steph. Antonii). Tres volumes em 4.<sup>o</sup> grande. Edição de 1819-23 em Patavii (Padua).

Das nacionaes citaremos apenas a monumental *Monarchia Lusitana*, pelos doutos frades Bernardo de Brito, Antonio e Francisco Brandão — *Libri quatuor de antiquitatibus Lusitaniae*, por André de Resende — *Memórias do Arcebispado de Braga e De Antiquitatibus Conventus Bracaraugustani*, por D. Jeronymo Contador d'Argote; e na secção de M.<sup>sa</sup> o curiosissimo codice n.<sup>o</sup> 227 (1), de 424 folhas, intitulado *Memorias Resuscitadas de Portugal d'Entre Douro e Minho*, pelo dr. Francisco Xavier da Serra Craesbeck: isto, pelo que respeita á bibliographia

(1) Vejam-se ainda os codices 143, 216, 273, 425, 426 e V-1-113.

Em todos se trata de inscripções lapidares, especialmente sepulchraes.

antiga, pois que em relação á moderna abaixo escreveremos algumas linhas.

Na Bibliotheca do antigo Paço da Ajuda manuseamos as subseqüentes :

22-xii-29. *Musae Lapidariae Antiquorum in marmoribus carmina sculpta*, por João Baptista Ferretio. Edição de Verona cio. 10. clxxii (1672). Dedicatória ao delfim Francisco Luiz de Bourbon, filho de Luiz xiv. Em 5 livros. No primeiro, 50 memorias (inscripções); no segundo, 58; no terceiro, 54; no quarto, 56; no quinto, 37.

22-xii-30. *Ethruscarum Antiquitatnm Fragmenta*, por Curtio Inghiramio. Edição de Francfort em 1637. Em 4 livros. Curiosas gravuras. Termina por um indice das coisas notaveis do texto.

22-xii-31. *Le Antiche Lucerne Sepulcrali Figuratae*, por Pedro Santi Bartoli. Edição de Roma em 1691. Dedicatória ao duque de Parma, Ramutio 2.<sup>o</sup> Dividida em tres partes, separadamente numeradas. Bellas gravuras.

22-xii-32. A mesma obra em latim, *Lucernae Veterum Sepulchrales Iconiae*. Edição de Colonia (Marchica) em 1702. Dedicatória ao marquez de Brandeburgo, D. Filippe Guilherme.

29 xii-33. *Spicilegium Antiquitatis*, por Dankleman. Edição de Colonia (Bandeburgica) em 1692. Dedicatória a D. Eberhardo Christovão Balthasar. Excellentes gravuras de medalhas, etc.

22-xii-37. *Numismata Imperatorum et Caesarum*, etc, por João Vaillant. Edição de Amsterdam em 1700. Dedicatória a D. Nicolau José Foncault, perfeito da Neustria Inferior.

Termina por um interessante Appendice *Iconum quamplurimorum Nummorum quorum sola descriptio reperitur in textu*. Contem ainda outros indices, entre os quaes o das «notas» arithmeticas das moedas gregas.

22-xii-38. *Numismata Imperatorum Romanorum*, etc., pelo mesmo auctor. Edição de Roma em 1743.

Comprehende as moedas desde Julio Cesar até Constantino e são notaveis uma carta de João Francisco Baldino a Benedicto XIV, os prefacios do editor e auctor e o elogio deste.

E' livro de incontestavel utilidade para o estudo da epigraphia numismatica (das legendas, segundo a phrase consagrada).

\*

Ainda merece referencia, como proveitoso para o estudo da epigraphia latina, em geral, o *Magnum Lexicon latinum et lusitanum*, por Pina Cabral, revisto por José Antonio Ramalho. Ao designar as letras do alfabeto, apresenta grande copia de abreviações, dando a respectiva significação.

\*

Em tempos mais proximos de nós tambem alguma coisa se tem escripto sobre a especialidade.

Lembramo-nos neste momento do padre Francisco José Patriocio, a quem se deve a *Flora latinarum inscriptionum urbis Portucalensis*; do padre Martins Capella, que escreveu sobre os *Miliarios* da provincia Minho; do distincto archeologo Albano Bellino, que se occupou das *Inscripções e lettreiros da cidade de Braga*; de Pereira Caldas, nosso saudoso professor no lyceu d'aquella cidade, cultor eximio da epigraphia, e que tratou de decifrar a inscripção de uma notavel lapide romana da Geira; de Moraes e Castro, que confeccionou a lista das de Chaves; de Possidonio da Silva e Levy Jordão, que abordaram o assumpto, respectivamente, nas *Noções Elementares de Archeologia e Portugaliae Inscriptiones Romanae*; de artigos varios no *Archeologo Portuguez*, *Gazeta Litteraria do Porto*, *Revista de Guimarães*, *Revista Archeologica de Lisboa*, etc., etc.

\*

Terminamos este despretençioso artigo, permittindo-nos observar que a nossa Associação tambem conta, entre os seus socios distinctos epigraphistas, tanto na epigraphia numismatica, como na lapidaria.

Não citamos nomes, porque não queremos melindrar-lhes a modestia, só excedida pela sua competencia.

M. J. CUNHA BRANDÃO.

# CAMPANARIOS EM PORTUGAL

(Continuado do n.º 9, pag. 427)

## S. João Baptista

A igreja de S. João Baptista foi antigamente freguezia de Obidos, actualmente é capela do cemiterio da vila, situado fóra do recinto muralhado para a parte do Sul.

Tem torre com dois sinos do mesmo fundidôr, muito extraordinarios nos seus feitios, dando a impressão de serem antigos; pois que desde a corôa á borda o contorno é em linha recta, e a volta da borda em vêz de ser em curva para fóra, é direita.

1.º— Em cima tem faixas lisas, no centro para o lado de fóra da torre está a Cruz com raios e peanha, para dentro

FERNANDES

MEFES 1832

em baixo filetes formando cintas lisas.

2.º— Tem em cima uma cinta liza ornada de meias estrellas, no centro para a parte externa uma Cruz com raios e peanha, e para o lado interno da torre

ABE MARIA CONCEBIDA

SIPECADO ORIGINAR

RAFAEL FERNANDES

MEFES

ANNO DE 1842

em baixo na borda tem cintas lisas formadas por filetes.

## BOMBARRAL

O logar e freguezia do Bombarral pertenceu ao concelho de Obidos, e em sessão do Congresso da Republica Portuguesa de 10 de julho de 1912 foi aprovado o projecto, pelo qual foi constituido o concelho do Bombarral.

A igreja do Salvador do Bombarral foi construida no meado do seculo XVI, e é de uma só nave.

A freguezia, antes de ser construida a actual igreja, esteve na capela de S. Brás, e o P.<sup>e</sup> Antonio Carvalho da Costa na sua *Corografia Portuguesa* Tom. III, pag. 101, diz, que a ermida de S. Brás era a capela mór da antiga freguezia.

Que a freguezia do Salvador esteve na capela de S. Brás, prova-o evidentemente a inscripção de 1548, que se lê em uma linha no friso do entablamento sobre o arco do cruzeiro da capela mór, e que se publica agora pela primeira vez, como documento interessante para a historia do logar do Bombarral e do país em geral, referindo o terremoto grande de 23 de janeiro de 1531:

A XXV· DE· JANEIRO· M·D·XXXI· TREMEO· ATERRA·  
CAHIO· AIGREJA· OMDE· HE· SAM· BRAS· PELO QVAL·  
SE· FEZ· AQVI· M·D·RVIII·

Pelo «terremoto do primeiro de novembro de 1755 só a igreja parochial é que padeceu alguma ruina, especialmente a capela mór e a parede por cima do arco da dita capela afastando-se da abobada coisa de meio palmo, a capela mór já está reparada com esmolos particulares; porem a parede se conserva com a mesma ruina» isto informou o cura da freguezia do Bombarral P.<sup>e</sup> Sebastião Garcia em 21 de abril de 1758 aos interrogatorios, que lhe foram enviados.

A igreja tem torre com dois sinos e uma sineta.

1.<sup>o</sup> — Em cima tem cintas ornamentadas, no centro, sobre dois filetes, para o lado de fóra da torre está uma Cruz ornamentada com raios e peanha, para a parte interna a Custodia e o ano 1905, e entre os dois filetes do lado de fóra

AVE — CRUX  
LA

na borda tem cintas lizas e uma moldura elliptica ornamentada com o nome do fundidôr

NARCIZO  
ANTONIO  
DA COSTA  
BRAGA

2.º — Igual ao 1.º nas faixas, ornamentações e letreiros tendo só a unica differença do tom indicado no centro

AVE — CRUX  
DO

Sineta — Em cima tem cinta liza formada por dois filetes e nella o nome do fundidôr

TME CHARLES J735

o centro é lizo, e em baixo na borda tem cinta liza.

VIZEU

**Egreja da Sé Cathedral**

A egreja da Sé de Vizeu, a qual é dos primeiros tempos da monarchia, tem tido em varias épocas sete reconstrucções diversas, até á que presentemente se vê.

Tem duas torres, que se erguem na sua frontaria, a da direita, de quem entra, é denominada do relógio, porque para ella se transferiu o relógio, que antigamente estava na torre velha romana, que tambem era assim conhecida; a outra torre do lado esquerdo denomina-se dos sinos, os quaes para ella se mudaram, e que anteriormente tinham estado na velha torre romana do relógio.

A torre velha romana foi doada por el-rei D. João I em 27 de fevereiro de 1392 ao bispo D. João Homem, que governou a diocese de Vizeu desde 1392 a 1425, para nella mandar colocar dois sinos, e por muito tempo ali esteve o relógio sem mostrador.

Os dois sinos, que o bispo D. João Homem fez fundir, um era dedicado a Nossa Senhora, no qual se via o escudo de armas dos Homens: seis luas azues com as pontas para cima em tres linhas paralelas em campo de oiro, e o letreiro DONS JOHANES EPS FECIT FIERI E 1431 (A. C. 1393), o outro, com que se convocava o cabido, tinha o letreiro JOHÃS EPIS VISIENSIS ME FIZO E 1432 (A. C. 1394).

A torre dos sinos a da esquerda desmoronou-se em 16 de fevereiro de 1635, levando tambem a frontaria da igreja, e os sinos se despedaçaram, escapando um chamado o *bebado* (1) por tocar em tempos antigos para os conegos receberem as suas rações de vinho e pão.

O cabido *séde vacante* de 1639 a 1671 mandou fazer de novo pelo architecto de Salamanca João Moreno a actual frontaria, substituindo a que se tinha desmoronado, e que teria sido feita no tempo do bispo D. Diogo Ortiz de Vilhegas de 1507 a 1519, o qual tinha mandado construir as abobadas das tres naves, e as concluiu em 1513, muito notaveis pelos artezões imitando cordas e nós.

A torre dos sinos, que tinha sido destruida, foi tambem mandada construir pelo cabido em symetria com a torre do relógio, a qual tinha escapado da catastrophe, e era talvez da edificação na época do conde D. Henrique e da rainha D. Thereza.

Noticias colhidas nos illustrativos e proficientes *Apontamentos historicos, Vizeu* pelo nosso Consocio Sr. Dr. Maximiano Pereira da Fonseca Aragão, Tom. I, pag. 84, Tom. II, pag. 187.

Algumas das desgraçadas janelas rectangulares das naves da igreja, em flagrante discordancia com as celebres abobadas gothicas, ainda conservam muitos dos antigos vitraes claros.

«Em uma escriptura de contracto feito em 20 de agosto de

(1) *Portugal antigo e moderno*. Vol. 12.º pagg. 1584 e 1585.

1537, entre o bispo de Vizeu D. Miguel da Silva e Martim Gonçalves, serralheiro, este se obrigou a compor o sino da Sé d'esta cidade...»

Documento do archivo do cabido, citado pelo Sr. Dr. Maximiano Aragão na sua interessante reivindicação *Grão Vasco*, pag. 137.

O sino, que em 1767 tangia a cabido para se reunir nas quartas e sabados de cada semana <sup>(1)</sup> talvez seja um dos dois n.ºs 2 e 7 ainda existentes na mesma igreja da Sé de Vizeu e anteriores áquelle ano.

Começo a descripção dos sinos, que se examinam na sua torre, pelos tres colocados dentro d'ella, notando-se, que todos são posteriores ao anno de 1635 do desmoronamento.

1.º — Em cima tem cinta ornamentada e outras lizas com o letreiro.

ECCE CRUCEM DOMINI  
FECIT MIHI MAGNA QUI POTENS EST ET SANCTVM  
NOMEN EJVS

no centro de um lado está a Cruz ornamentada com peanha, e diametralmente oposta a imagem da Virgem, em baixo na cinta liza tem o nome do fundidor

SEBASTIAO SORRILHA 1902

2.º — Tem em cima cinta liza e o letreiro

LOVVADO \* SEIA \* OSANTISSIMO \* SACRAMENTO

\* 1647 \*

(1) *Portugal antigo e moderno*. Vol. 12.º pag. 1584. cit.

no centro só de um lado está uma Custodia, em baixo na borda em faixas lisas tem a legenda seguinte :

MEMORIAM \* FECIT \* MIRABILIVM \* SVORVM \*  
MISERICORS \* ETMISERATOR \* DNS \* ESCANDEDIT \*  
TIMENTIBVS \* SE

3.º — Em cima tem uma cinta ornamentada e outra liza com a legenda

#### SINO DE S. THEOTONIO

no centro de um lado está uma Custodia e do lado opposto a Cruz com peanha, em baixo uma cinta ornamentada e outra liza com o nome do fundidôr

#### JOAQUIM AMARO DA FONSECA 1906

Este sino já é refundição de outro tambem moderno e dedicado ao mesmo santo.

S. Theotonio governou como prior a igreja de Vizeu desde 1112 a 1119, e foi depois prior em Santa Cruz de Coimbra, onde faleceu como santo em 1162 com oitenta anos de idade.

O fundidôr Joaquim Amaro da Fonseca tambem usava os nomes de Joaquim Gomes Sorrilha e Joaquim Sorrilha, conforme as localidades e circumstancias em que se achava.

Alguns fundidôres de sinos em França no seculo XVII já eram considerados como artistas vagabundos <sup>(1)</sup>. Notando-se, que, desde a idade media até ao seculo XVIII, o fundidôr não tinha officina propria no sentido estricto da palavra. Não vivendo em

(1) *Recherches pour servir à l'Histoire des Arts en Poitou. Cloches poitevines*, par Mr. Jos. Berthelé. Paris, 1890, pag. 307.

Interessante obra çoroada pela Academia das Inscriptões e Belas Letras e pela Sociedade Francêsa de Archeologia.

uma localidade determinada, a sua vida era errante, ia onde o chamavam, percorrendo cidades e vilas, oferecendo os seus serviços. A falta de transportes, e as dificuldades da vida em certas terras o obrigava a uma existencia nomada (1).

Assim os fundidôres de sinos visitavam as cathedraes e abadias, e quando se instalavam em algum mosteiro, ali viviam satisfeitos, pescando, ou caçando, em quanto o barro das fôrmas ia secando. A ferramenta era pouca, e constituia uma bagagem limitada, um compasso, uma regoa chamada escala e algumas matrizes para a ornamentação e legendas (2).

Em varios documentos relativos a fundição de sinos em França se encontra a condição do sustento do fundidôr e seu cavallo (3).

Em Poitiers no ano de 1734 quando os artistas Brocard e Charles Febvre trataram da refundição do sino grande da cathedral, o bispo se obrigou ao sustento dos fundidôres e do cavallo, em quanto durasse esse trabalho (4).

Nas sineiras da torre da Sé de Vizeu estão dois sinos.

4.º — Tem em cima cintas lizas e o letreiro

JHS \* TV \* ES \* PETRVS \* ET \* SVPER \* HAM \* 9 \*  
PETRAM \* EDIFICABO \* ECCLESIAM \* MEAM

no centro de um lado está a Cruz pontificia com tres braços, tendo por baixo duas chaves em aspa e o ano 1814, do outro lado uma Cruz com peanha e a legenda

AVES \* PES \* VNICA

esta legenda está errada, devia ser

AVE \* SPES \* VNICA

(1) Mr. Jos. Berthelé. *Recherches* . . . , pagg. 354 e 355. cit.

(2 e 3) Ibidem, pag. 355.

(4) Ibidem, pagg. 356 e 357.

em baixo na cinta liza da borda estão indicados os fundidões

JOZE \* E \* EVSEBIO \* DE \* RASILHO \* YGVAL \*  
ME \* FIZERAO

---

5.º — Em cima tem cinta liza sem letreiro, no centro para a parte externa da torre está uma Cruz, e do lado interno a legenda

PSALMUM DICITE NOMINI  
EJUS DATE GLORIAM LAUDI

Ps. — 65 . V . 2 —

1878

JOSE AUGUSTO E IRMAO SEBASTIAO

---

Os dois sinos colocados sobre o terraço da igreja, e que dão as horas e quartos do relógio são:

6.º — Sino das horas tem em cima cinta liza e o letreiro

ORA \* PRO \* NOBIS \* S \* P \* N \* PHILIPPE \* ALVEAR  
\* ME \* FE \* CIT \* ANNO \* D \* 1770

no centro de um lado tem uma Cruz ornamentada com peanha, em baixo cinta liza.

---

7.º — Sino dos quartos, tendo em cima faixa liza, o centro ou cova é completamente lizo sem emblema algum, em baixo na cinta tem o letreiro

BIGILATE OVIA NESBITIS PEDRO DE CORRILLA  
GOMES MEFCI 1718

O pòvo nas provincias do Norte do país usa, tanto na pronuncia como na escrita, trocar o v por b e o b por v, e assim se apresenta — BIGILATE — em vez de — VIGILATE.

OVIA — é erro, deve ser — QVIA — naturalmente na fundição falhou a *cedilha* no — Q — e ficou — o.

O letreiro correcto deveria ser :

VIGILATE QVIA NESKITIS PEDRO DE CORRILLA GOMES ME FECIT

O Pelicano em bronze muito bem cinzelado da Sé de Vizeu estava na grampa de uma armação de ferro, que serve de torre sobre o terraço da igreja para suspender os dois sinos do relógio já descritos, e ali esteve, até que foi retirado para vir ornamentar, como objecto de arte antiga, a Exposição retrospectiva de Arte ornamental em Lisboa no ano de 1882, e aqui figurou na Sala M com o n.º 242, descrito da seguinte maneira : — «Estante de côro de bronze. Altura 0<sup>m</sup>,62. Tem a fôrma de pelicano e é provavelmente obra flamenga do fim do seculo XV. Sé de Vizeu.» (1)

Depois de efectuada a exposição houve idéa de se adquirir o pelicano para ficar no Museu de Bellas Artes de Lisboa, mas o cabido da Sé de Vizeu opoz-se, e para lá voltou o pelicano com pés novos, porque os antigos já os não tinha; não indo ocupar o logar donde tinha sido tirado, foi prestar o verdadeiro serviço de estante do côro, onde se encontra.

No logar antigo foi colocado um pelicano em madeira pintado, imitando e substituindo o de metal, o qual deverá ser considerado obra do seculo XVI.

Pelo Boletim das Comissões Reaes de Arte e de Archeologia de Bruxellas (2) sabemos, que a igreja de São Gorgonio em Hongaerde na Belgica possui tambem uma estante de côro em bronze muito elegante; figura o symbolico pelicano poisado sobre o seu ninho. O suporte é moderno. A figura do pelicano mede 67 centim. de altura por 54 centim. de largura entre as extremidades das azas.

(1) *Catalogo illustrado da Exposição retrospectiva de arte ornamental portugüesa e hespanhola em Lisboa em 1882*. Vol. Texto, pag. 30.

*Portugal antigo e moderno*. Vol. 12, pagg. 1671 a 1673. cit.

(2) *Bulletin des Commissions Royales d'Art et d'Archeologie*, 48.<sup>me</sup> année Bruxelles, 1902, pag. 373.

Na parte, que serve para deter e conservar o antiphonario ou livro do côro, está a inscripção seguinte :

IAN. VELDENER. ME. FECIT ANº. 1573. 8 DECEBR.

Do outro lado se lê :

MATHIAS. INGHEL. DEDIT. QS. OB. 3. 1568. D.

As duas inscripções nos mesmos caracteres perfeitamente conservadas dão o conhecimento pela diferença das datas, que a estante foi oferecida áquella igreja por disposição testamentaria de Mathias Inghels em 1568, e feita cinco anos depois em 1573 por Jan. Veldener.

As Comissões Reaes de Arte e de Archeologia de Bruxellas e os seus Delegados provinciaes exercem com zelo e ilustrada competencia as attribuições, que lhes são conferidas pelas leis, que regulamentam as obras de construcção, restauração e conservação dos monumentos e edificios publicos, a tudo superintendem, para que as obras a executar sejam feitas com criterio, e d'esta fórma as Comissões e os Delegados apreciam os respectivos projectos e estudos, emitem os seus pareceres, inspeccionam e acompanham as obras nas suas minudencias para completa harmonia historica e artistica.

E não é só nos edificios publicos, é tambem nas igrejas, presbiterios e até nos edificios particulares que exercem a sua fiscalização, e a exercem com tanta proficiencia que, a restauração e colocação dos quadros, esculturas, vitraes, as simples vidraças, confessionarios, pulpitos, bancos para comunhão e todo o mobiliario das igrejas, quando novo ou restaurado, tem de obedecer ás indicações technicas.

Do mesmo modo os sinos para as diversas igrejas da Belgica são concedidos pelas Comissões de Arte e de Archeologia.

Compare-se agora a fórma, como se procede na Belgica em assuntos artistico-historicos com o que se pratica no nosso país, em que corporações e entidades fazem o que querem, cometendo anachronismos e algumas vezes verdadeiros vandalismos, tendo

tido aliás funções effectivas de exame a antiga Comissão dos Monumentos Nacionaes, e presentemente o Conselho de Arte e Archeologia.

---

### TONDÉLLA

A igreja matriz da vila e comarca de Tondélla na provincia da Beira Alta é dedicada a Nossa Senhora da Assumpção, e pertence ao bispado de Vizeu.

Tem a igreja na sua frontaria uma alta e elegante torre com dois sinos.

1.º — Em cima tem uma cinta com ornamentos e outra liza na qual está o letreiro

ECCE ◊ CRUCEM ◊ DOMINI ◊

no centro de um lado está uma Cruz ornamentada com peanha, do lado oposto uma Custodia e o anno 1875.

Em baixo na borda tem cinta liza e o nome do fundidôr

JOAQUIM AMARO DA FONSECA  
DE CANTANHEDE

2.º — Tem em cima cinta ornamentada e liza com o letreiro

ECCE ◊ CRUCEM ◊ DOMINI ◊

no centro está uma Cruz ornamentada com peanha e o anno 1901.

Em baixo na cinta liza da borda está o nome do fundidôr

JOAQUIM AMARO DA FONSECA  
DE CANTANHEDE

Na igreja de Nossa Senhora do Carmo, que foi antiga matriz da vila, existe um sino :

Em cima tem uma cinta com ornamentos e outra liza com a legenda

IN ◊ HOC ◊ SIGNO ◊ VINCES ◊ 1837

no centro só de um lado está uma Cruz ornamentada com peanha, em baixo cintas lizas sem letreiro.

---

### MOLELLOS

E' freguezia pertencente ao concelho e comarca de Tondélla da provincia da Beira Alta, no bispado de Vizeu, e o seu orago é S. Pedro.

Era parochia muito antiga talvez dos primeiros tempos da monarchia, e parece que, era então dedicada a S. Miguel Archanjo.

A igreja tem torre e nella estão dois sinos.

1.º — Tem cintas lizas em cima e em uma o letreiro

### ECCE CRUCEM DOMINI

ao centro circumda o sino uma faixa ornamentada, tendo para a parte exterior uma Cruz com ornamentos, para dentro 1907, em baixo está uma cinta ornamentada e outra liza com o nome do fundidôr

### SEBASTIÃO SORRILHA

2.º — Em cima tem cintas lizas e em uma a legenda

IN △ HOC △ SIGNO △ VINCES △ 1813 △

ao centro circumdam uns filetes, e sobre os mesmos da parte de fóra está uma Cruz ornamentada, e do lado interior da torre entre os filetes está

### NOSA $\Delta$ SENHORA $\Delta$ DU ROZARIO

em baixo cintas lizas tendo a nôme do fundidôr

SEBASTIÃO SORILHA \* MEFRES \* CANTANHEDE \*

O fundidôr, ao dispor na fôrma as letras do seu apelido, tirou um R de SORRILHA, e colocou-o na palavra FES.

---

### BÊSTEIROS

A freguezia de Bésteiros pertence ao concelho e comarca de Tondélla da provincia da Beira Alta na diocese de Vizeu, e o seu orago é Santa Eulalia.

A igreja tem torre com dois sinos.

1.<sup>o</sup> — Em cima tem cintas lizas e indicado em uma o ano \* 1830 \*

Ao centro só de um lado está uma Cruz ornamentada com raios, em baixo filetes formando cintas lizas e o leteiro seguinte:

\* Q. P. ESTE SINO NÃO PAGAR NEM DE VIVO  
NEM DE MORTO ADE TOCAR \*

Q. P. deverá ler se QUEM. PARA.

2.<sup>o</sup> — Tem em cima faixa liza e a legenda seguinte:

\* MARIA JHS JOSE \* 1830 \*

no centro só de uma parte está uma Cruz ornamentada com peanha, e em baixo tem cinta liza e estrellas \* \* \*

## GOES

A igreja parochial da vila de Goes pertence á diocese de Coimbra, e é dedicada a Nossa Senhora da Assumpção.

Da sua antiga construcção nos seculos xv e xvi conserva ainda a abobada artozoada da capela-mór, e o notavel monumento fune-rario em estylo renascença construido em 1531, indicado no corpo superior do mesmo monumento, e levantado á parte do Evange-lho á memoria de Nuno Martins da Silveira, escrivão da Puri-dade d'el-rei D. Afonso v, e senhor do morgado de Goes, estando representada a sua figura com armadura ajoelhada e de mãos postas em oração.

Ao centro do pavimento da capela-mór e proxima do degrau do altar está a campa da sepultura, que foi, de Nuno Martins da Silveira, porque ha muitos anos, tendo sido levantada a lagea, foi removido o caixão para a sacristia, e d'ali os seus ossos foram para o cemiterio da vila.

A campa tem inscripção, da qual só se podem ler bem as tres primeiras linhas juntas ao degrau, as outras já muito gastas com alguma dificuldade se completam.

AQVI . JAZ . N° . MARTIZ . DA . SILVE  
 IRA . ESCRIVÃO . DA . PORIDADE  
 DELREI . DON . A . OQV . MOR  
 DOMO . MOR . DA . RAINHA . DON  
 A . CATIRINA . SNR . DO . MORGA  
 DO . DE . GOES EVILA . DE  
 OLIVEIRA . DO . CONDE . O . QVA  
 L . FALECEO . EM  
 XXVIII DE MAIO DE 1528

O retabulo do altar mór é ornado de quadros de pintura quinhentista, dos quaes alguns são interessantes.

O corpo da igreja é de reconstrucção moderna, e nada tem digno de menção, sómente as duas capelas antigas, uma de S. José onde existe o carneiro de 1640 das sepulturas das pessoas da familia Barreto Chichorro Villas Boas, e a outra capéla é do

Senhor dos Passos onde se conservam algumas das muitas reliquias, que esta igreja possuía.

A torre é separada da igreja, e nella estão dois sinos.

1.º — Em cima tem cinta liza e a legenda

IN HOC SIGNO VINCES ANNO DE 1854

no centro só de um lado está uma Cruz ornamentada com peanha, e em baixo na borda tem cintas lizas sem letreiro.

2.º — Tem em cima cinta liza com a legenda seguinte em uma linha

\* VERBUM \* CARO \* FACTVM \* EST \* ET \* HABI-  
TAVIT \* IN \* NOBIS \* ANNO \* 1741

no centro de um lado está a Cruz com peanha, tendo nas extremidades dos braços e na haste os tres cravos, em baixo na cinta liza da borda tem o letreiro

\*\* ECCE \* CRUCEM \* DOMINI \* FVGITE \*  
PARTES \* ADVERSE \* VICET \* LEO \* DETRIBV \* IVDA \*  
RADIX \* DAVID \* ALLELVIA \*

Na frontaria da igreja da Misericórdia está o relógio da vila de Goes, e na empena se ergue uma pequena torre com dois sinos, o das horas e o dos quartos.

(Continúa).

J. J. D'ASCENSÃO VALDEZ.

## Relatorio apresentado pela Direcção á Assembleia Geral em sessão de 30 de Janeiro de 1912

SENHORES:

Em cumprimento de uma disposição dos nossos Estatutos, vimos dar-vos conta do modo como proseguimos no desempenho do mandato com que nos distinguistes, e, ao mesmo passo, historiar, embora rapidamente, a vida da nossa dilecta Associação durante o anno findo.

E' dever nosso abrir este registo de factos, consignando, com íntima satisfação, que o decreto n.º 1 de 26 de maio de 1911, que reorganizou os serviços artisticos e archeologicos, estabelece que esta Associação tenha um representante na commissão dos monumentos da primeira das tres circumscripções em que esse decreto dividiu o país. E' regalia de todo o ponto justificada, porque vem já de longe, tendo precedido de muitos annos a iniciativa official, a cruzada emprehendida e sustentada pela Associação dos Archeologos Portugueses em favor dos monumentos nacionaes. Ao cabo de quarenta annos de trabalho perseverante, fez-se justiça a esta collectividade.

Senhores :

Tendo subsistido, como decerto reconheceris, as causas que determinaram a relativa esterilidade dos nossos esforços no primeiro anno da nossa gerencia, não é para surprehender que os resultados obtidos no segundo ficassem igualmente muito áquem dos nossos desejos. Esperamos que fareis justiça á nossa boa vontade.

No intuito de conquistar espaço, que tão necessario é, alienámos as amostras de materiaes para construcção, que occupavam a ultima sala do lado direito, e cuja conservacão se não justificava, depois da remodelação de que esta collectividade foi objecto.

Certos de que um dos processos mais efficazes para activar o movimento scientifico da nossa aggremação consiste em promover a constituicão e o funcionamento das secções, dirigimos aos nossos consocios uma circular, convidando os a declararem a secção ou secções em que desejassem ser inscriptos. Quasi to-

dos responderam, havendo, porém, alguns declarado que em nenhuma podiam collaborar com assiduidade.

E' nosso proposito dar impulso ao funcionamento dêsses corpos associativos, com os elementos, embora escassos, de que podemos dispôr. Até agora, apenas as secções de Numismatica e Heraldica se teem reunido e só a segunda elaborou o seu regulamento, que submettemos á vossa apreciação, depois de o termos examinado, como os Estatutos determinam.

Outro elemento importante para manter o bom nome, prestigio e auctoridade da nossa Associação, é, evidentemente, a publicação regular do *Boletim*.

Extincta a officina typographica da Casa da Moeda, na qual, como sabeis, elle era gratuitamente impresso, — empregou o nosso devotado e saudosissimo presidente reiterados esforços junto do Governo para conseguir a sua publicação, em condições identicas, na Imprensa Nacional.

Veiu a morte impiedosa interromper estas diligencias. Decerto proseguirá nellas o novo presidente e oxalá alcance que o Governo, ou ordenando a impressão gratuita do *Boletim*, ou tomando um certo numero de assignaturas, auxilie a sua publicação, que nem pôde, como é obvio, soffrer nova interrupção, nem continuar por muito mais tempo a ser custeada pelo nosso cofre, cujos recursos, como não ignoraes, são minguidissimos. Depois de uma suspensão de alguns meses, que era impossivel tornar mais prolongada, deliberámos, com o vosso voto, recommençar a publicação, tendo preferido a Typographia do Commercio, onde já imprimiramos o numero consagrado a Herculano, e que foi, de todas aquellas a que nos dirigimos, a que mais vantajoso orçamento nos apresentou.

O Museu é ainda outro orgão de fundamental importancia na vida associativa. Claro está que se não pôde pensar em reorganizá-lo convenientemente, sem que as obras a que se está procedendo estejam concluidas. Por mais de uma vez, comtudo, trocámos impressões com os senhores conservadores ácerca dessa remodelação. Aos membros do Congresso do Turismo franqueámos as nossas já valiosas colleccões, que, ultimamente (sem duvida em consequencia das obras), teem sido um pouco menos visitadas. Devido ao zêlo, tantas vezes comprovado, do nosso dedicado consocio sr. Julio Augusto Ferreira, foram-nos offerecidos

pela Junta do Credito Publico seis interessantes cofres, — alguns do seculo xvii, com ferragens muito para apreciar.

Na parte já realizada dos trabalhos ordenados pelo Ministerio do Fomento, está comprehendida a substituição das estantes da nossa bibliotheca. Durante o anno findo, foi ella sensivelmente enriquecida com apreciaveis offertas. Encadernaram-se bastantes volumes. Seria injustiça flagrante deixar de frisar, neste ponto, a elevada competencia e a rara dedicação do nosso prestimoso consocio sr. Julio Augusto Ferreira, cujo estado de saude, forçando-o a trabalhar menos e a residir fóra de Lisboa, o levou a pedir a exoneração dos cargos de bibliothecario e secretario da Direcção.

E' perda extremamente sensivel, a de tão leal e devotado collaborador.

Em cumprimento de uma das nossas obrigações, organizámos o inventario dos moveis e utensilios pertencentes á Associação, e estamos-nos occupando da elaboração dos diversos regulamentos necessarios ao bom funcionamento da vida associativa.

Secundámos, quanto em nós coube, os esforços da commissão especialmente encarregada de levar a effeito a sessão solemne consagrada á memoria de Sousa Viterbo, tendo dispendido, na realização dessa justissima e indeclinavel homenagem, uma boa parte dos fundos disponiveis, como vereis do balancete que completa este Relatorio.

A sessão, apesar da sua singeleza, revestiu, incontestavelmente, um alto e commovente significado. A ella assistiram as ex.<sup>mas</sup> Viuva e Filha de Sousa Viterbo, o Chefe do Estado, o sr. Presidente do Senado, representantes de corporações scientificas e literarias, professores, homens de letras, jornalistas, muitas senhoras e grande numero de socios.

O elogio historico, primoroso, modelar, traçado com uma grande elevação de critica e uma notavel belleza de fórma pelo nosso illustre consocio, o sr. dr. Alfredo da Cunha, considera Sousa Viterbo como poeta, archeologo e pensador.

O busto do nosso inolvidavel consocio foi obsequiosamente modelado pelo moço e já distincto esculptor Francisco dos Santos, que, nesse trabalho, tem mais uma brilhante demonstração do seu formoso talento. Entendemos que a nossa Associação cumpre um dever, conferindo-lhe, como vos propomos, o diploma de benemerito.

Com profunda magua registamos neste documento a perda dos nossos distinctissimos consocios João Verissimo Mendes Guerreiro, Annibal Fernandes Thomás, Adolpho Ferreira de Loureiro e Gabriel Victor do Monte Pereira. Todos vós conheceis e nenhum de vós poderá jámais esquecer os meritos dêstes nossos pranteados consocios e os serviços relevantissimos que lhes devemos.

Nas actas das nossas sessões e nas paginas do nosso *Boletim*, ficou exuberantemente documentado o interesse e o superior criterio com que Mendes Guerreiro, nas suas longas e repetidas viagens, observava e estudava os monumentos historicos, — por exemplo, os da remotissima e admiravel civilização egypcia

Fernandes Thomás, colleccionador apaixonado e esclarecido de livros e gravuras, bibliophilo dos mais entusiastas e bibliographo dos mais sabedores, era um verdadeiro erudito, cujo nome dava lustre e auctoridade ás corporações a que pertencia.

Adolpho Loureiro, que á sua excepcional competencia como engenheiro alliava notaveis faculdades literarias, uma solida erudição historica e profundo conhecimento da archeologia nacional, consagrava a esta Associação um entranhado amor. Tão repetidas e frisantes foram as provas que dêsse amor lhe deu, ainda nos momentos em que os seus soffrimentos eram mais crueis, tão inexcivelmente dedicada foi a maneira como desempenhou o cargo de presidente da assembleia geral, tão perseverante e efficaz foi o modo como exerceu as funcções de mediano entre nós e o Governo, que fariamos injuria aos nossos consocios, se pretendessemos recordá-los agora.

Gabriel Pereira, homem de vastissima erudição, archeologo eminente, dedicava tambem entranhado affecto a esta collectividade, que por muitos annos serviu como director do *Boletim* e conservador do Museu, tendo, nesta ultima qualidade, representado muitas vezes a Associação, com um brilho que só a sua excessiva modestia e o seu invulgar desprendimento igualavam, quando o Museu era visitado por associações de estudo, alumnos de escolas officiaes ou archeologos estrangeiros.

Honremos a memoria dêstes benemeritos extinctos, procurando imitá-los nos desvelos que lhes mereciam a historia e a archeologia nacional e no affecto que votavam a esta aggregação!

Senhores e consocios:

Começou ha pouco o terceiro e ultimo anno da nossa gerencia. Será para nós motivo da mais profunda satisfação o podermos consignar, no seu encerramento:

— que estão reorganizadas e catalogadas as collecções que formam o nosso Museu;

— que se acham em plena actividade as secções;

— que se cunhou a medalha-distinctivo;

— que a todos os socios foi distribuido o diploma;

— que o *Boletim* é de novo impresso em officina e á custa do Estado;

— que se realizaram algumas excursões e visitas de estudo;

— que foram elaborados todos os necessarios regulamentos;

— que se organizou o archivo.

Não é de crer que possamos cumprir integralmente este programma, porque a sua realização completa depende de circumstancias que estão fóra do alcance dos nossos esforços, como, por exemplo, o complemento das obras, sem o qual impossivel se torna remodelar definitivamente o Museu.

Mas, se, como esperamos, vós todos collaborardes dedicadamente connosco, frêquentando com assiduidade a Associação, tornando attrahentes e proveitosas as sessões com a exposição dos resultados dos vossos estudos, trabalhando dedicadamente nas secções e propondo novos socios, — decerto conseguiremos levar á pratica uma boa parte delle.

Lisboa, edificio historico do Carmo, em 15 de Janeiro de 1912.

### A Direcção

*D. José Pessanha.*

*Eduardo Augusto da Rocha Dias.*

*J. Rodrigues Fernandes.*

*Jesuino A. Ganhado.*

*Ernesto da Silva.*

*Francisco Soares O'Sulivant.*

## Contas referentes ao anno civil de 1911

### RECEITA

Saldo em Caixa aos 31 de Dezembro de 1910..			386#141
Importancia recebida pelas quotas dos ex. <sup>mos</sup> socios .....	296#000		
Pela venda de dois distinctivos de socios.....	9#000		
Idem do <i>Boletim</i> e de outras publicações pertencentes á Associação.....	4#110	309#110	
Producto de entradas no Museu : pela venda de 2.247 bilhetes de 100 réis.....	224#700		
Idem de familia, 47 a 200 réis.....	9#400	234#100	543#210
Réis.....			929#351

### DESPESA

Ordenados e gratificações aos empregados e percentagem ao cobrador.....	294#450		
Despesa com o <i>Boletim</i> e outras publicações e impressos	202#860		
Subscrição para o 3.º Congresso de Architectos em Roma	5#000		
Assignaturas e compras de livros.....	14#100		
Donativos annuaes ..	4#500		
Despensas com a sessão solemne em homenagem á memoria do ex. <sup>mo</sup> socio benemerito senhor doutor Sousa Viterbo.....	157#455		
Despesas miudas .....	63#525	741#890	
Saldo que passa para o anno de 1912 .....			187#461
Réis .....			929#351

## Parecer da Comissão Revisora de Contas

Ex.<sup>mos</sup> SENHORES :

Cumprindo com satisfação o honroso encargo que vos dignastes commetter-nos, vamos apresentar á consideração da illustre Assembleia Geral o resultado do exame das contas, relativas ao anno de 1911, do nosso Thesoureiro, senhor Ernesto da Silva, consocio que é para nós digno de muita consideração e estima, tanto pelos dotes que adornam o seu character, como pelo zêlo,

proficiencia e bôa vontade com que, desde longos annos, tem exercido o trabalhoso cargo de Thesoureiro.

Procedemos ao exame das contas, o que nos foi facil, vista a bôa e exacta disposição dellas, e verificámos que a receita geral no anno findo foi de réis 929<sup>7</sup>351, incluindo o saldo em cofre de réis 386<sup>7</sup>141 do anno de 1910 — e a despesa de réis 741<sup>7</sup>890, passando, portanto, para a gerencia do corrente anno de 1912 o saldo de réis 187<sup>7</sup>461.

Comquanto o saldo de 1911, de réis 187<sup>7</sup>461, comparado com o de 1910, réis 386<sup>7</sup>141, nos indique uma differença para menos, de réis 198<sup>7</sup>680, pela revisão das contas achâmos os motivos principaes de tal diminuição: a publicação regularizada do nosso *Boletim* e as despesas extraordinarias com a sessão para solemnizar dignamente a memoria do illustre socio benemerito, dr. Francisco Marques de Sousa Viterbo.

Concluindo, pedimos á illustre Assembleia Geral que seja louvado o nosso consocio Thesoureiro; que se manifeste o profundo pesar da nossa Associação pela perda de dois socios importantes nas sciencias e nas letras, os senhores Adolpho Ferreira de Loureiro e Gabriel Victor do MontePereira.

Lisboa, sala das sessões da Associação dos Archeologos Portugueses, Museu do Carmo, em 29 de Janeiro de 1912.

*Visconde da Torre da Murta*

*Victor Ribeiro*

*José Joaquim da Ascensão Valdez*, relator.

## Questionarios expedidos pela Associação dos Archeologos Portugueses

Secção de Heraldica

Ex.<sup>mo</sup> Sr. — A Secção de Heraldica da Associação dos Archeologos Portugueses, desejando reunir o maior numero de elementos, que lhe seja possivel obter, sobre os brasões das antigas familias nobres de Portugal, e outros cujo conhecimento possa

interessar ao estudo das antiguidades nacionaes, toma a liberdade de rogar a todas as pessoas, que, em qualquer terra do país, estejam dispostas a auxiliá-la neste empreendimento, o favor de annuirem ao convite, que lhes faz, para a auxiliarem na execução dêste proposito, enviando-lhe os seguintes esclarecimentos:

I. *Croquis* ligeirissimos, representando os escudos de armas que existam na localidade — em antigos castellos, palacios, sepulchuras, igrejas, quintas, etc.

Estes *croquis* podem ser feitos, sem inconveniente, ainda por pessoas que desconheçam as regras mais elementares do desenho, e não devem comprehender os ornatos exteriores dos mesmos escudos, para que a operação se não complique escusadamente.

Chama-se, particularmente, a attenção dos benevolos informadores para certas pedras rectangulares, que se encontram no exterior de muitas torres de menagem dos antigos castellos, e cuja comunicação a esta Secção de Heraldica seria muito para agradecer.

II. Uma nota, referida aos *croquis* remettidos, indicando o local onde se encontra cada um dos brasões ou pedra rectangular, o nome de cada familia a quem se attribue, na localidade, o uso de taes armas e, emfim, qualquer outro esclarecimento conducente á identificação do brasão.

III. Não se comprehendem neste pedido os escudos das armas nacionaes, salvo quando, excepcionalmente, apresentem alguma alteração sensivel ás formas vulgares dêstes escudos; mas comprehendem-se os brasões de armas das cidades e villas, cujo estudo é particularmente interessante.

Agradecendo, antecipadamente, o benevolente acolhimento dêste pedido, a Secção de Heraldica da Associação dos Archeologos Portugueses incondicionalmente se põe á disposição dos seus amaveis correspondentes para tudo quanto possa ser de seu serviço e interesse em Lisboa.

Lisboa, 24 de Abril de 1912. — Pela Secção de Heraldica, o secretario, *Matos Sequeira*.

### Secção de Paleographia, Diplomatica e Epigraphia

Ex<sup>mo</sup> Sr. — A Associação dos Archeologos Portugueses, que ha mais de 40 annos pugna calorosamente pelo arrolamento,

classificação e conservação dos documentos do passado ainda existentes no país, deliberou, numa das suas ultimas sessões, alargar, tanto quanto possível, a sua esphera de acção, dirigindo, por intermedio das secções em que se divide, questionarios especiaes, não só aos seus consocios residentes fóra da capital, como tambem a pessoas que, embora extranhas á Associação, se têm tornado conhecidas pelo interesse que dedicam á Historia e á Archeologia. E' em cumprimento dessa deliberação que, na minha qualidade de presidente da Secção de Paleographia, Diplomatica e Epigraphia, tenho a honra de enviar a V. Ex.<sup>a</sup> o questionario junto, esperando, do seu patriotismo e da sua dedicação a estes estudos, que se dignará enviar-me respostas quanto possível completas e claras aos seus differentes pontos.

Lisboa, edificio historico do Carmo, em 20 de Maio de 1912.  
— O presidente da Secção, *Antonio Eduardo Simões Baião*.

#### QUESTIONARIO

Se tem conhecimento da existencia de quaesquer manuscriptos anteriores a 1800, em poder de particulares, pertencentes ao Estado, a corporações religiosas ou administrativas.

De que natureza são esses manuscriptos?

Processos juridicos de qualquer ordem? Documentos avulsos, e, neste caso, em papel ou pergaminho? Tombo? Genealogias? Manuscriptos literarios?

Estão catalogados? São ineditos e desconhecidos?

Estão em lugar seguro, convenientemente resguardados, ou ao abandono?

Poderá saber se a sua proveniencia? Foram adquiridos por compra, herança, ou de que fórma?

São muito antigos? De que seculos, pouco mais ou menos?

Tem conhecimento de inscrições lapidares?

São em portuguez ou em latim?

Estão bem resguardadas? Em poder de particulares ou do Estado?

Qual a sua epoca? Qual a natureza dessas inscrições?

Póde enviar copia, transcrição, desenho ou decalque?

## ACTA N.º 70 \*

Sessão de Assembleia Geral de 28 de Março de 1912.

PRESIDENCIA — Dr. Felix Alves Pereira.

SECRETARIO — Francisco Nogueira de Brito.

» — Jacintho d'A. Albuquerque Bettencourt.

A's 9 horas e meia da noite, estando presentes, além da mesa, os socios effectivos, srs. Jesuino Ganhado, Mena Junior, J. Ferreira Braga, Luiz Filippe d'Albuquerque e Bettencourt, D. José Pessanha e A. de Gusmão Navarro.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, passou-se á leitura do expediente, que constava de :

1.º — Uma carta do sr. Francisco Soares de Lacerda Machado, de Viana do Castello, communicando que, tendo visto na noticia da ultima reunião da Secção d'Heraldica desta associação, que ella se ia dirigir a todos os estudiosos do paiz para a coadjuvarem nos seus trabalhos, se põe desde já ao dispôr daquella secção.

2.º — Uma carta da Associação Academica da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pedindo que lhe seja remetido o boletim desta Associação.

3.º — Um officio da Repartição da commissão jurisdiccional dos Bens das Extinctas Congregações Religiosas, accusando a recepção do nosso officio-protesto contra o aproveitamento do bronze dos sinos e notificando que a toma em consideração na medida do justo.

4.º — Um officio da Sociedade Portugueza de Estudos Historicos pedindo a nossa adhesão a uma proposta feita, pelo seu e nosso consocio sr. Pedro de Azevedo, no sentido de serem convenientemente preservadas as bibliotecas e arquivos ecclesiasticos.

5.º — Um officio da mesma collectividade scientifica comunicando que se realisará no proximo dia 1 de Abril a sessão con-

---

\* Pertence á sessão de 15 de março de 1912 a acta n.º 69, que foi transcripta nas pag.º 436 a 438.

junta, della e dos delegados das varias associações congeneres, para tratarem do assumpto da proposta do sr. Pedro de Azevedo, e pedindo que se lhe indiquem os nomes dos nossos delegados.

Sobre o 1.º, resolveu-se agradecer a offerta e enviar a carta á Secção de Heraldica, para tomar d'ella conhecimento. Sobre o 2.º, resolveu se mandar o boletim desde o tomo X. Sobre o 3.º, decidiu-se enviar á Secção de Conservação e restauração de monumentos, para tomar d'elle conhecimento e dar o seu parecer.

O sr. Jacintho de Bettencourt propoz que fossem nomeados para representar a Associação na sessão conjunta, promovida pela Sociedade de Estudos Historicos, os srs. Nogueira de Brito e D. José Pessanha.

O sr. Nogueira de Brito pede escusa de tal honra, dizendo que o fazia, apesar do muito apreço em que tem a Sociedade de Estudos Historicos, porque incompatibilidades de ordem particular, com uma certa e determinada pessoa daquella prestante collectividade, o inhiem de tomar parte nos seus trabalhos.

O sr. D. José Pessanha diz não poder acceitar tão honroso encargo pelos muitissimos affazeres e propõe, sendo approvedo, que fossem nomeados nossos delegados á sessão supracitada, os srs. Rocha Dias e major Santos Ferreira, resolvendo-se communicar tal facto á Sociedade, agradecendo-lhe a deferencia mostrada nos seus officios citados em 4.º e 5.º logar do expediente.

O sr. D. José Pessanha apresentou, por parte da Direcção, e foi unanimemente approvedo, tanto na especialidade como na generalidade, o seguinte

### **Regulamento da Secção de Heraldica**

1.º — Esta secção divide-se em tres commissões permanentes.

a) de história e genealogia ;

b) do armorial portuguez ;

c) de desenho heraldico.

2.º — As tres commissões permanentes são constituídas, sem numero fixo, pelos membros da secção que, para cada una d'ellas, se inscreverem.

3.º — Preside a cada uma das commissões permanentes o presidente da secção.

4.º — O presidente e o secretario da secção exercem as suas funcções, quando todas ou algumas das commissões trabalhem conjuntamente.

5.º — As funcções de secretario de cada uma das commissões permanentes são exercidas pelo membro destas, escolhido «ad hoc» em cada reunião.

6.º — A commissão de historia e genealogia occupa-se principalmente, posto que não exclusivamente, de restabelecer a identidade das familias, dos ramos e dos individuos sobre que recaem os estudos, ou cujo conhecimento interesse os trabalhos da secção. Em geral, fornece á secção, e ás suas commissões permanentes, os esclarecimentos proprios da especialidade dos seus estudos e investigações.

7.º — A commissão do armorial portuguez, fixa a fórma e leitura heraldica dos brazões das antigas casas nobres do paiz; e coleciona os documentos historicos que as justificam.

8.º — A commissão do desenho heraldico prepara e coleciona séries de desenho das differentes figuras heraldicas do brazão portuguez, seleccionadas de entre os mais artisticos especimens da arte nacional.

9.º — Os estudos heraldicos da secção serão gratuitos para todos os estabelecimentos e para todas as associações de character historico ou artistico de Portugal. Serão, porém, retribuidos para todos os estabelecimentos e corporações extra-nacionaes.

10.º — Semelhantemente, os estudos heraldicos da secção serão retribuidos, para todos os individuos nacionaes e estrangeiros.

11.º — E' fixada a retribuição de 22\$500 réis (Ls. 5), para qualquer estudo desta secção, que possa ser considerado ordinario. Aos estudos extraordinarios é fixada a retribuição de 45\$000 réis (Ls. 10).

12.º — A importancia total das retribuições a que acima se faz referencia, será incorporada nos fundos geraes da Associação.

13.º — Cada uma das commissões permanentes elegerá annualmente um relator.

14.º — Os relatores das tres commissões permanentes constituirão, sob a presidencia do presidente da secção, o conselho relator da Associação para todos os assumptos heraldicos.

15.º — Os pareceres do conselho relator são emitidos «ad referendum» da assembleia plenaria da secção.

O sr. Nogueira de Brito propoz, e foi approvedo por aclamação, que se lançasse na acta um voto de sincera congratulação ao *Diario de Noticias*, pela maneira brilhante por que tem advogado a causa da fundição em bronze, por conta do Estado, do busto do nosso fallecido consocio benemerito, o dr. Sousa Viterbo. Este voto, resolveu-se comunicar ao illustre director do *Diario de Noticias*, o nosso prestante consocio sr. dr. Alfredo da Cunha.

O sr. Mena Junior pede a palavra para agradecer em phrases commovidas a moção de sympathia para comsigo, que foi votada na penultima sessão; aproveita o estar com a palavra, para dizer que sinceramente teria approvedo, se tivesse estado presente, a moção apresentada pelo sr. Nogueira de Brito, e approveda por aclamação, sobre a fundição por conta do Estado, do busto do dr. Sousa Viterbo.

O sr. D. José Pessanha diz que fez publicar no *Diario de Noticias* o protesto de cuja redacção ficou encarregado com os srs. Nogueira de Brito e Mattos Sequeira, a proposito de Sousa Viterbo, e pergunta se a assembleia entende ser sufficiente a publicidade que teve.

A assembleia resolve affirmativamente.

O sr. D. José Pessanha diz, como presidente da Direcção, que sendo de toda a necessidade para o regular funcionamento desta associação, que todas as secções sejam constituídas, visto que n'elas infelizmente se tem dado grandes baixas, por fallecimento, quasi todas de prestantissimos consocios, propõe pois as suas constituições do modo seguinte, que foi approvedo:

### 1.<sup>a</sup> Secção — Archeologia Pre-Romana

Presidente, Dr. José Leite de Vasconcellos; vice-presidente, Dr. Felix Alves Pereira; secretario, Victor M. Ribeiro; vogaes, José Joaquim da Ascensão Valdez, J. A. Vieira Marques, Visconde da Torre da Murta.

### 2.<sup>a</sup> Secção — Archeologia Romana

Presidente, Dr. José L. de Vasconcellos; vice-presidente, D. José M. da S. Pessanha; secretario, dr. Felix Alves Pereira;

vogaes, M. J. da Cunha Brandão, J. J. da Ascensão Valdez, Visconde de Castilho, Ernesto Korrodi, Martins Capella (Padre), Megre Ferreira.

### 3.<sup>a</sup> Secção — Archeologia Medieval

Presidente, Adães Bermudes; vice presidente, Francisco C. Parente; secretario, Francisco S. O' Sulivand; vogaes, D. José M. da S. Pessanha, D. Antonio Barroso (Bispo do Porto), José Queiroz, Rosendo G. A. Carvalheira, Victor M. Ribeiro, G. Mattos Sequeira, Felix da Costa, Dr. Vieira Guimarães, Ernesto Korrodi.

### 4.<sup>a</sup> Secção — Archeologia da Renascença

Presidente, José Alexandre Soares; vice-presidente, Rosendo Carvalheira; secretario, Mena Junior; vogaes, S. da Silva Leal, José Queiroz, Ernesto Korrodi, E. da Rocha Dias

### 5.<sup>a</sup> Secção — Numismatica e Sigillographia

Presidente, Conselheiro M. Francisco de Vargas; vice presidente, Dr. J. Leite de Vasconcellos; secretario, dr. Arthur Lamas; vogaes, J. J. Ascensão Valdez, J. Ferreira Braga, D. Fernando d'Almeida, Robert A. Schore, Henrique de C. F. Lima, dr. Alvaro de Azeredo L. P. e Mello, dr. Antonio A. de C. Monteiro, Visconde da Torre da Murta, Jordão A. de Freitas.

### 6.<sup>a</sup> Secção — Paleographia, Epigraphia e Diplomatica

Presidente, dr. Antonio S. Baião; vice presidente, dr. Arthur Lamas; secretario, Jordão A. de Freitas; vogaes, E. Freire d'Oliveira, Comm.<sup>dor</sup> Guilherme J. C. Henriques, D. José Pessanha, Julio A. Ferreira, dr. J. Leite de Vasconcellos, G. Mattos Sequeira, E. da Rocha Dias, Conselheiro M. F. de Vargas, P. W. de Brito Aranha, M. J. da Cunha Brandão, dr. Pedro d'Azevedo.

### 7.<sup>a</sup> Secção — Conservação e restauração de monumentos

Presidente, dr. Alfredo da Cunha; vice-presidente, Rosendo Carvalheira; secretario, Mena Junior; vogaes, Augusto Ribeiro,

Jesuino A. Ganhado, J. M. da Costa Macedo, M. Ventura Terra, S. da Silva Leal, Conselheiro Augusto J. da Cunha, Ernesto da Silva, Alberto Pimentel, Filippe Eduardo Almeida Figueiredo, F. Nogueira de Brito, F. S. O' Sulivand, Barreiros Callado, Bernardino J. de Carvalho, Antonio T. Pires, dr. Vieira Guimarães, J. A. Vieira Marques, dr. Arthur Lamas, Ernesto Korrodi, Hypolito Maia, Megre Ferreira, J. Teixeira Lopes, J. A. Soares, Monsenhor J. A. Ferreira.

### 8.<sup>a</sup> Secção — Heraldica

Presidente, Major G. L. Santos Ferreira; vice-presidente, dr. Alvaro A. L. P. e Mello; secretario, G. Mattos Sequeira; vogaes, Visconde de Castilho, Comm.<sup>dor</sup> Guilherme J. C. Henriques, Ernesto da Silva, Luiz F. de A. Bettencourt, Jordão A. de Freitas, D. José Pessanha, Jacintho d'A. A. Bettencourt, Affonso D. Cisneiros, F. Nogueira de Brito, A. Gusmão Navarro, Hypolito Maia, J. M. da Costa Macedo, F. S. O' Sulivand.

O sr. Jacintho de Bettencourt propoz, e foi approvedo, um voto de inteira confiança á direcção para que promova por todos os meios ao seu alcance, o regular funcionamento de todas as secções.

Ainda sobre o assumpto da conveniente arrecadação dos archivos parochiaes, o sr. Nogueira de Brito leu e foi approveda por aclamação a seguinte moção :

«A Associação dos Archeologos Portugueses, justamente regosijada pela iniciativa da Sociedade de Estudos Historicos, no intento de impedir a devastação dos cartorios ecclesiasticos esphados pelo paiz, associa-se com todo o interesse a este notavel apprehendimento. Póde orgulhar-se a benemerita Sociedade dos Estudos Historicos de levantar um grito de alarme, contra a vandalica destruição de tudo o que ainda nos resta do passado historico e artistico, que é ainda hoje, o principal estímulo, da razão de ser dos paizes mundiais. Oxalá esta cruzada de defeza intemerata, achasse echo em todas as collectividades da nossa terra, transformadas em assembleias de rethorica inopportuna, e esquecidas da missão evangelisadora de orientadoras dos grandes principios humanos.

Esta Associação dando o seu incondicional apoio a tão notavel empreendimento, presta a sua homenagem intensa á Sociedade dos Estudos Historicos, que ainda na infancia da sua existencia social, dá já um exemplo grandioso, ás gerações cultas de Portugal».

O sr. Presidente marcando para ordem da noite da proxima reunião, a que estava marcada para esta noite, — reorganisação documental de Lisboa antiga — levantou a sessão ás 11 e 30 da noite.

Servindo de Secretario,

JACINTHO D'A. A. DE BETTENCOURT.

Vice-secretario

ACTA N.º 71

Sessão de Assembleia Geral de 29 de Abril de 1912.

PRESIDENTE — Rosendo Carvalheira.

SECRETARIO — Luiz Filippe de Bettencourt.

» — Jacintho d'A. A. de Bettencourt.

Abriu esta sessão de estudo pelas 9  $\frac{1}{2}$  da noite, estando presentes, alem da mesa, os socios effectivos srs. Nogueira de Brito, Affonso de Dornellas, Jesuino Ganhado, S. da Silva Leal, mjaor G. L. dos Santos Ferreira, J. Rodrigues Fernandes, A. C. Mêna Junior, D. José Pessanha, A. R. Adães Bermudes, José Queiroz e F. S. O' Sullivand.

Approvada a acta da sessão anterior, leu-se o expediente, que constava de:

1.º — Uma carta do nosso consocio dr. F. Alves Pereira, escusando a sua falta.

2.º — Um officio do nosso consocio Nogueira de Brito, pedindo a demissão do cargo de Bibliothecario, para que foi eleito.

3.º — Parecer da Direcção e propostas respectivas de 3 socios.

A proposito do officio do sr. Nogueira de Brito, que em todos produziu desagradabilissima sensação, trocaram impressões os srs. Presidente, Nogueira de Brito, D. José Pessanha, Ganhado e o signatario desta acta, sendo finalmente resolvido que o sr. Presidente Carvalheira ficasse encarregado de particularmente averiguar as razões que motivaram tal officio, diligenciando solucionar o mal entendido que parece existir, não sendo, por emquanto, concedida a demissão pedida.

Seguidamente procedeu-se á votação, como mandam os estatutos, dos 3 socios a que se refere o parecer da Direcção, sendo proclamados socios effectivos, os srs. dr. Virgilio Correia Pinto da Fonseca, dr. Antonio Sardinha e Patrocínio Ribeiro.

O sr. Presidente diz que, tendo-lhe sido participada a cendencia, para o nosso Museu, do modelo da estatua equestre de D. José, entende que se deve agradecer, tal offerta, ao Conselho de Arte e Archeologia da 1.<sup>a</sup> circumscripção: assim se resolveu.

O sr. Silva Leal pede que fique consignado na arta um voto de sincera congratulação ao sr. Mena Junior por ter o filho deste senhor ficado incolume e do facto desagradavel com elle passado.

O sr. Mena Junior que agradece, communica ter ido, com os srs. O' Sulivand e Nogueira de Brito, ao extincto convento das Francezinhas, como em uma das anteriores sessões fôra reolvido, a fim de escolherem o que de lá pudesse vir para o nosso Museu. Na sua visita minuciosa, escolheram — os azulejos que estão sobre o arco do cruzeiro, 2 brazões da fundadora, 2 cancellas de ferro (seculo XVIII), 1 lavabo que está na sacristia (em estilo clasico) e a campa do Almirante Pedro de Sousa Mariz Sarmiento (1822). Mais diz que da remoção destes objectos ficou obsequiosamente encarregado o conductor d'obras publicas Amôr Machado, a cujo cargo estão as obras a fazer no citado convento.

Approvaram se votos de condolencias pelos fallecimentos dos srs. Almirante Castilho e Abbade de Tagilde, Oliveira Guimarães, resolvendo-se que disto se desse conhecimento, respectivamente, ao nosso consocio Visconde de Castilho e á Sociedade Martins Sarmiento, de Guimarães.

O sr. Silva Leal falla do vandalismo ultimamente praticado no concelho das Caldas da Rainha — a destruição do arco e estatua de D. Affonso Henriques. =

O sr. Santos Ferreira diz que além do arco destruido, existe proximo deste, um outro com uma curiosissima inscripção latina que se refere ao Couto de Alcobaça.

Sobre este assumpto resolveu se officiar ao Conselho de Arte e Archeologia da 2.<sup>a</sup> circumscripção (Coimbra), lamentando tal facto e alvitrando que se adoptem medidas tendentes a castigar energicamente os vandalos que assim roubam ao paiz a documentação monumental da nossa gloriosa historia.

O sr. D. José Pessanha falla sobre o cruzeiro de Leça do Bailio, em estilo manuelino, que soffreu igual vandalismo, e a assembleia resolveu officiar em sentido identico, ao Conselho de Arte e Archeologia da 3.<sup>a</sup> circumscripção (Porto).

O sr. Nogueira de Brito estranha, em energicos termos, uma nota que vem no nosso Boletim commemorativo de Sousa Viterbo, General Loureiro e Gabriel Pereira, nota que diz = A responsabilidade dos escriptos publicados no Boletim pertence exclusivamente aos seus auctores =, accentuando o facto pela sua imprecedencia, tanto mais não ter cabimento essa declaração pois que, por sua parte, assume a responsabilidade daquillo que diz, embora o desassombro das suas affirmações provoque, ás vezes, represalias que não correspondem á lealdade do seu proceder. Na discussão deste assumpto, entraram vivamente os srs. Adães Bermudes, Santos Ferreira, Jacintho de Bettencourt, D. José Pessanha e José Queiroz, manifestando-se o sr. Presidente na mesma ordem de ideias e sendo por fim resolvido não tomar as providencias que o caso requer, sem que seja ouvido qualquer dos nossos consocios que são redactores do Boletim, antes da publicação do proximo numero.

Pelo adeantado da hora, o sr. Presidente marcando para o proximo dia 6 de Maio a nova sessão, especialmente destinada a tratar, como ordem da noite, de = Lisboa antiga (reconstituição documental) e monumentos nacionaes =, encerrou esta á meia noite.

Servindo de Secretario

JACINTHO d'A. A. DE BETTENCOURT.

Vice-Secretario